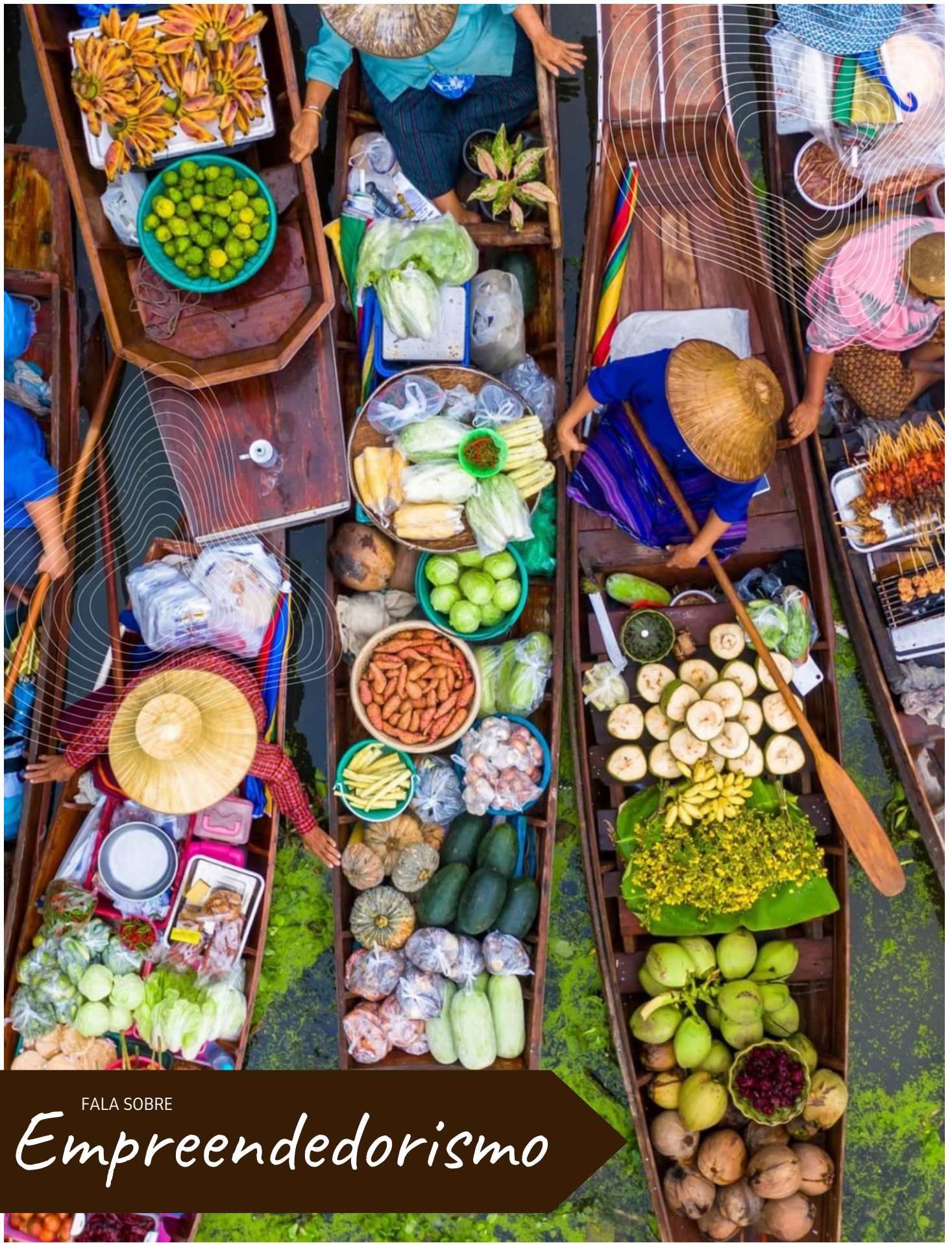


INSPIRALANTE

EDIÇÃO 4 | OUTUBRO 2023

REVISTA DIGITAL



FALA SOBRE

Empreendedorismo

INSPIRALANTE



REVISTA INSPIRALANTE

Ficha Técnica

PROPRIEDADE

Instituto Inspiralante

PLANEJAMENTO EDITORIAL

Mariana Mattos

FOTOGRAFIA

Gabriel Mattos

EQUIPE DESTA EDIÇÃO

Mariana Mattos

Marco Lyrio

Gabriel Mattos

Vanessa Paiva

Alina MM Pinheiro

Ana Catarina Teles

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Gabriel Mattos & Vanessa Paiva

I N S P I R A L A N T E . O R G

índice



Imagens: Google, inspirante.org, anacatarinaphoto.com

Criação e Colaboradores	04
Editorial	06
Quando a inovação e o empreendedorismo se encontram Vanessa Paiva	07
Sustentabilidade e Empreendedorismo: jornada que associa trabalho a propósito Alina MM Pinheiro	11
Empreendedorismo social no Brasil: para além do romance Mariana Mattos	15
Imagens que valem muito mais do que mil palavras Ana Catarina Teles	18
Poesia Marco Lyrio	22

criação



Mariana Mattos

Mariana é inovação

Desde cedo integra saberes multidisciplinares, percorrendo a comunicação, a espiritualidade e a criatividade. Comunicóloga, psicoterapeuta, especialista em Comunicação Organizacional e mestra em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, é co-criadora do modelo Integração Sistêmica e está à frente do Instituto Inspiralante.



Marco Lyrio

Marco é criação

Co-fundador do Instituto Inspiralante, é um artista em essência - músico compositor - profissional de criação em comunicação, arte e conteúdo. A intercessão de seus saberes culminou com as formações em Design em Sustentabilidade (Gaia Education) e multiplicador Tot para o desenvolvimento de novos paradigmas econômicos, sociais e relacionais que respeitem a vida.

colaboradores

Gabriel Mattos



Gabriel é construção

Colabora paralelamente no Instituto Inspirante, na área de design, e na agência de arquitetura RDAA, no coração de Paris. Fruto de uma família de artistas, Gabriel busca sua própria forma de Inspirar, e traz para o Instituto o que tem de melhor.

Vanessa é curiosidade

Comunicóloga, possui larga experiência em marketing, design gráfico e para web, tendo trabalhado em grandes empresas no Brasil, Austrália e Inglaterra. Atualmente, mora no Qatar e cursa Educação Parental pela Escola da Educação Positiva.



Vanessa Paiva



Alina MM Pinheiro

Organizadora Profissional à frente da empresa Multimulti - seu Dia em dia, com atuação principal no Rio de Janeiro, voltada a dar soluções para casas e vida cotidiana.

Viaja pelo mundo e captura momentos autênticos, sua câmera é a ponte que a conecta com culturas e almas diversas. Transformando sua paixão em propósito, busca revelar histórias humanas através da fotografia.



Ana Catarina Teles

A delícia de começar esse mês com a música no coração “quando entrar setembro e a boa nova andar nos campos, quero brotar o perdão onde a gente plantou”, benção ter trabalhado com o Beto Guedes, em Lumiar.

Na região hemisfério norte, onde resido atualmente, setembro é o mês de reenforce. O período em que se inicia o novo ano letivo em todas as instituições de ensino. Talvez por isso tenha emergido o tema do empreendedorismo para esse mês na Revista Inspirante. Então, convidamos duas mulheres muito especiais no empreender. Alina Pinheiro, organizadora profissional, e Ana Catarina Teles, fotografa. Ambas compartilham experiências de lugares e olhares diferentes e complementares. As convidamos porque possuem uma conexão com o Instituto Inspirante e direcionam suas vidas para um empreender que também constrói um novo paradigma na forma que ocupamos a Terra.

Ao longo da minha vida, percebo que a ideia de empreender e mudar o mundo é distante do que de fato podemos fazer. Não precisamos mudar o mundo. Gaia está ótima e segue sendo Gaia. Precisamos mudar nossa maneira de estar nela, na Terra. Se integramos ao nosso fazer, a nossa forma de mudar o modelo de vida atual, com os nossos gestos possíveis, com nossas ações de impacto possíveis, conseguimos mudar. Um pouco para cada pessoa. Sem que fiquemos esperando as grandes instituições nos dizerem como é. O poder pessoal de mudança nos mobilizando no dia a dia.

As mulheres que convidamos fazem isso. Vanessa de Paiva e eu seguimos tecendo essa edição como comunicólogas que também precisam da inovação. No meu caso, trouxe um texto de partilha leve sobre parte dessa jornada de empreender e impactar para mudanças, analisando o contexto no Brasil. Vanessa trouxe um caso de sucesso super interessante de uma instituição nos Estados Unidos que regenerou Black Wall Street, “promovendo o empoderamento econômico e um sentimento renovado de orgulho dentro da comunidade preta”.

Sejam muito bem vindas pessoas leitoras e que juntas possamos tecer essa comunidade de regeneração da vida humana na Terra.

Com amor, Mariana Mattos



Quando a inovação e o empreendedorismo se encontram

Centro Histórico de Greenwood
Rising Black Wall Street

Vanessa Paiva

“O empreendedorismo não é apenas criar negócios, mas também recuperar e revitalizar uma narrativa que havia sido negligenciada por muito tempo”

Greenwood, também conhecido como Black Wall Street, era uma próspera comunidade afro-americana em Tulsa, Oklahoma durante o início dos anos 1900. Era o lar de vários negócios de sucesso, incluindo bancos, hotéis, teatros e mercearias. No entanto, em 1921, Greenwood foi tragicamente destruído durante o infame Massacre de Tulsa Race, um dos capítulos mais sombrios da história americana.

Phil Armstrong, uma figura proeminente no empreendedorismo e preservação da história da cidade, reconheceu a importância de preservar e honrar o legado de Black Wall Street e a resiliência de seus residentes. Ele liderou os esforços para estabelecer o Greenwood Rising Black

Wall Street History Center, um museu de última geração e instalação educacional que serve como um farol de esperança e uma plataforma para educar os visitantes sobre os eventos do passado.

Sob a liderança de Armstrong, esse sonho ganhou vida por meio de uma combinação de apoio comunitário, financiamento privado e parcerias. O centro fica no coração do centro histórico de Greenwood, fornecendo uma plataforma para que a rica história, cultura e conquistas econômicas da comunidade negra em Tulsa seja explorada.

GRBWS exibe exposições interativas, apresentações multimídia, artefatos e testemunhos pessoais para contar a história da ascensão de Black Wall Street, sua destruição devastadora e os



Foto de banda marchando na Greenwood Avenue
Fonte: Greenwood Cultural Center

subsequentes esforços de reconstrução. Ele oferece uma compreensão abrangente dos eventos que levaram ao massacre e o impacto que teve na vida de milhares de afro-americanos.

Além de suas exposições educacionais, o centro também serve como um centro de envolvimento da comunidade e capacitação econômica.

Fornecer recursos e apoio para empreendedores iniciantes, promovendo um ambiente que incentiva a inovação e o crescimento econômico.

Por meio de workshops, programas de orientação e oportunidades de networking, o centro histórico visa inspirar a próxima geração de empreendedores e líderes da sociedade.

O compromisso de Phil Armstrong em preservar a história de Greenwood e promover o empreendedorismo na comunidade foi fundamental para revitalizar o espírito de Black Wall Street.

A intenção por trás do centro histórico de Greenwood é uma prova da visão, inovação, determinação e colaboração da comunidade que deu vida a este projeto transformador. O espaço serve como um poderoso símbolo de empoderamento econômico, resiliência e o espírito duradouro da comunidade preta de Greenwood.

No comando desse esforço empreendedor estava uma equipe de pessoas dedicadas, liderada por Phil Armstrong, que reconheceu a importância de preservar a história de Black Wall Street e seu impacto na sociedade americana. Eles entenderam que o empreendedorismo não é apenas criar negócios, mas também recuperar e revitalizar uma narrativa que havia sido negligenciada por muito tempo.

A idealização desse projeto exigiu um planejamento meticuloso, parcerias estratégicas e recursos financeiros substanciais. Phil e sua equipe se envolveram em amplos esforços de arrecadação de fundos, aproveitando o apoio da comunidade e buscando investimentos privados e públicos para tornar sua visão uma realidade.

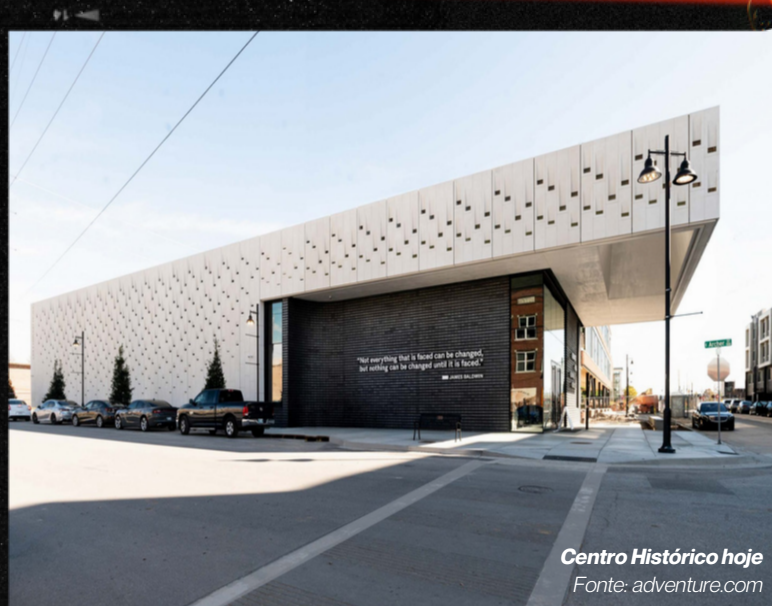
Eles acessaram redes locais e nacionais, compartilhando a história de Black Wall Street e a necessidade de comemorar seu legado. O empreendedorismo também desempenhou um papel vital na



Phil Armstrong
Imagem: andscape.com



Massacre de Tulsa
Fonte: tulsaworld.com



Centro Histórico hoje
Fonte: adventure.com

concepção e construção do centro histórico. Escritórios de arquitetura, construtoras e designers de exposições foram contratados para criar um espaço moderno, imersivo e educacional que honrasse a história e a memória do distrito. Essa colaboração empresarial garantiu que o centro não servisse apenas como museu, mas também como catalisador econômico, oferecendo oportunidades para várias indústrias e negócios.

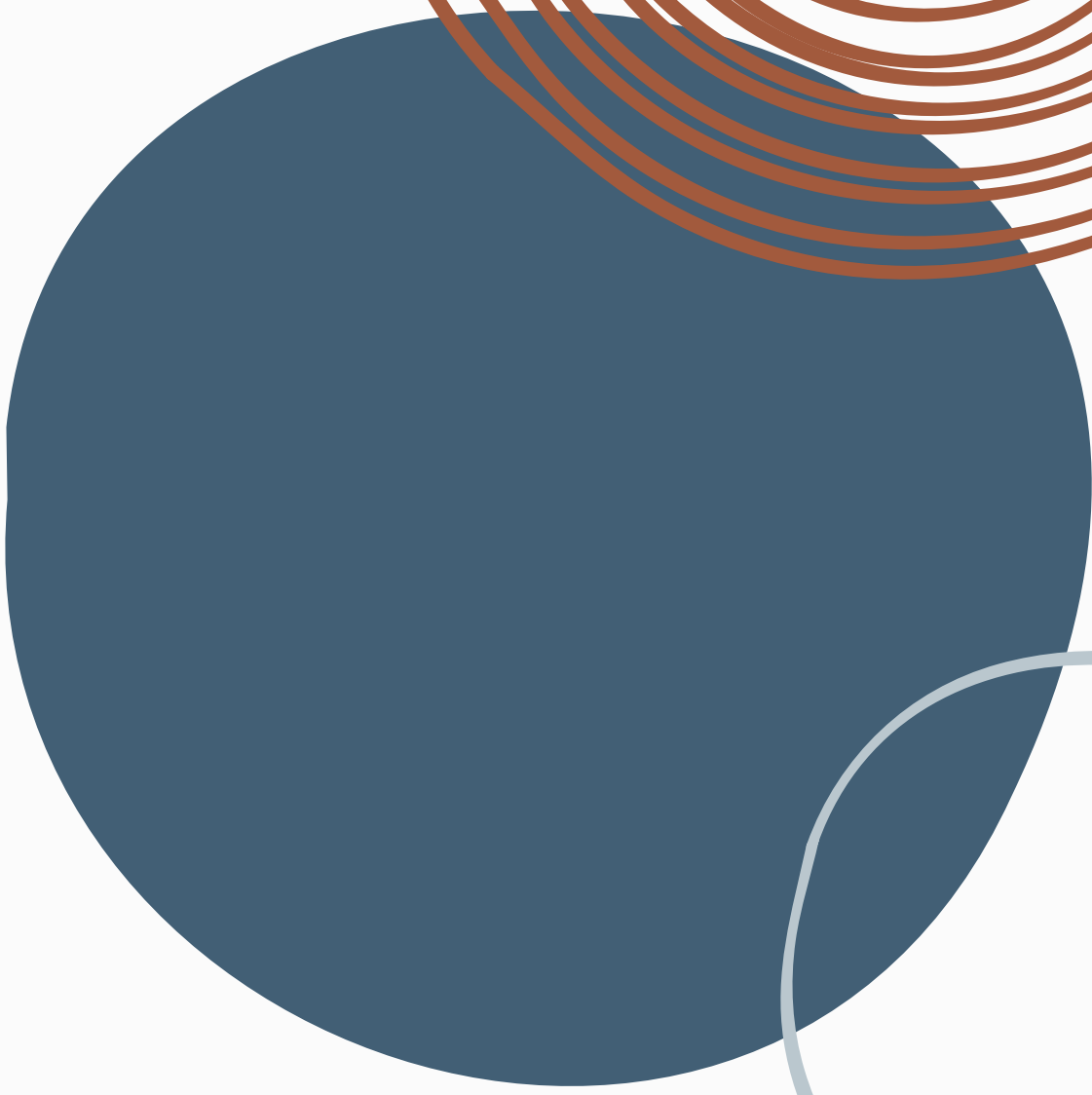
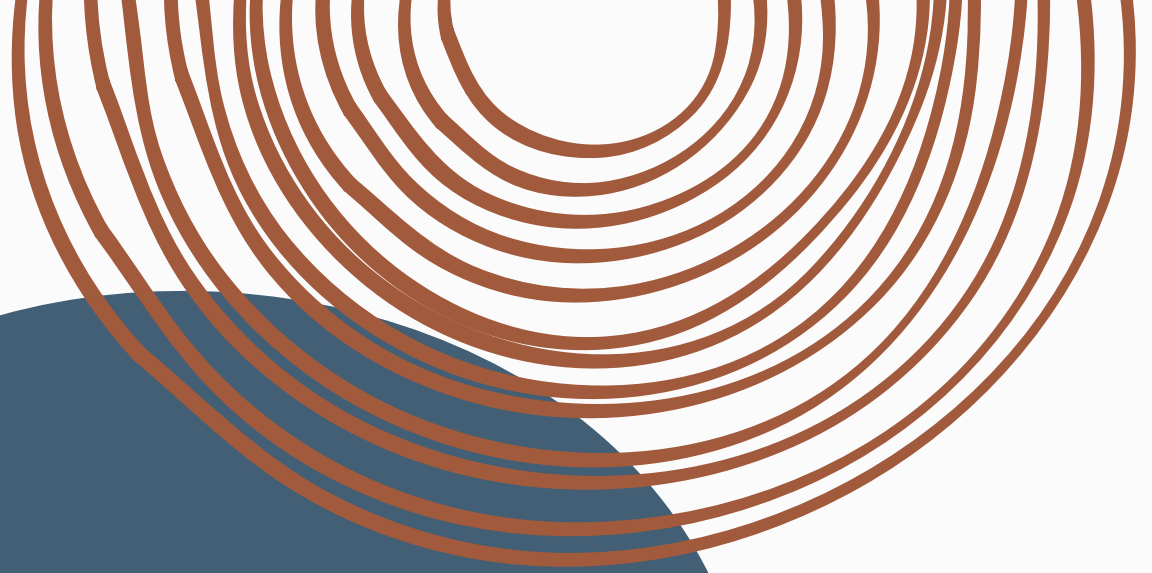
O Greenwood Rising Black Wall Street History Center é uma demonstração do espírito empreendedor que prosperou em Greenwood antes do massacre de Tulsa Race. Ele celebra as conquistas e a prosperidade econômica dos empresários pretos, destacando suas contribuições para a comunidade e a sociedade em geral. Por meio de exposições interativas, apresentações multimídia e artefatos históricos, o centro oferece aos visitantes uma nostálgica amostra das vibrantes empresas e instituições que antigamente prosperaram na Black Wall Street.

Além disso, o centro atua como uma incubadora para aspirantes a empreendedores, oferecendo recursos, programas de orientação e workshops para apoiar o desenvolvimento econômico da comunidade.

Ao fornecer uma plataforma para o empreendedorismo, o centro incentiva as pessoas a sonhar, criar e construir negócios que possam contribuir para a revitalização e sustentabilidade do distrito de Greenwood.

O empreendedorismo por trás do centro histórico vai além da criação de um espaço físico. Representa um profundo compromisso com a preservação da história, promovendo o empoderamento econômico e um sentimento renovado de orgulho dentro da comunidade preta.

Por meio de seus esforços empresariais, Phil Armstrong e sua equipe transformaram um capítulo doloroso da história americana em um farol de esperança, resiliência e inspiração para as gerações futuras.



Sustentabilidade e Empreendedorismo: jornada que associa trabalho a propósito

Alina MM Pinheiro

“Quero viver dignamente, mitigando ao máximo o impacto da minha existência nesse Planetinha Azul”

Como é desafiador empreender, não é? Pra qualquer pessoa. Ainda mais quando se é mulher. É desafiador ser mulher, é desafiador ser empreendedora. Agora, imagine ser uma mulher empreendedora com quase 50 anos, pensando em uma nova transição de carreira. Vamos falar disso, aqui e agora?

Sou advogada com vasta experiência em Direito Corporativo. Aos 30 anos, comecei a pensar numa transição de carreira. Advogar nunca foi a minha “onda” embora eu tenha atuado por 15 anos no mercado. Por volta de 2008, aos 33 anos, resolvi abrir o meu coração e comentar com um amigo sobre meus planos de mudança. O amigo foi praticamente taxativo: eu estava velha para uma transição. Imagine que ELE (a caixa alta é proposital) havia deixado a publicidade aos 28 para virar fotógrafo de Gastronomia e que aquilo já era muita ousadia para época. Imagine eu, uma menina, querer mudar de vida a caminho dos 35 anos! A banda tocava desse jeito na primeira década dos anos 2000...

Mesmo assim, em 2012 banqueei o desejo de largar a advocacia. Penso muito nas circunstâncias que motivaram tal mudança e hoje claramente entendo que eu buscava

ser reconhecida por um trabalho que fizesse sentido pra mim, de preferência criativo, que gerasse um impacto efetivo e positivo na vida das pessoas.

E aqui estou eu, em 2023, com uma bagagem de 11 anos de carreira como Organizadora Profissional de residências. Me considero uma das pioneiras desse segmento no Rio de Janeiro e acho também que consegui alcançar o meu objetivo inicial de transição de carreira.

Depois de percorrer todo esse caminho, relembro do amigo lá de trás, aquele que disse que eu estava velha para uma transição de carreira aos 33 anos ... Seria muita ousadia minha ir novamente de encontro a opinião do meu amigo, das idéias do patriarcado que ele possui, e transgredir? Cogitar uma nova possibilidade de transitar ainda mais velha, dessa vez rumo aos 50 anos?

De uns anos pra cá, meu olhar sobre o mundo e sobre a vida, mudou. As prioridades, as urgências e os valores, vêm mudando a cada dia. Na minha pauta pessoal, a minha urgência atualmente, gira em torno de sustentabilidade no mais amplo sentido.

Quero viver dignamente, mitigando ao máximo o impacto da minha existência nesse Planetinha Azul.

Com isso preciso visitar e repensar o hábito de consumir. Procuo pensar em alternativas menos degradantes para viver numa cidade grande.

Desejo vivências de mais colaboração que competição. Me alimento de forma mais saudável e menos industrializada. Revisito a forma e a necessidade de fazer turismo (sim, isso mesmo, turismo desenfreado causa danos ao micro e macro ambiente). Experimento a espiritualidade de outras formas, mais sistêmicas e permaculturais. Enfim, são muitas coisas novas acontecendo dentro de mim, muitos paradigmas sendo transitados.

E é claro que isso tudo traz um reflexo na minha forma de trabalhar, sendo a minha atuação, cada vez mais conduzida para o âmbito do EMPREENDEDORISMO SOCIAL, em que as ações de impacto coletivo são consideradas com mais valor (e amor) que as questões de cunho meramente individual.

E como faço para integrar todos esses novos conteúdos às minhas rotinas de trabalho?



Como gerar uma mudança de mentalidade no meu público alvo, composto majoritariamente por mulheres?

Via de regra sou contratada para colocar casas em ordem. Num dado momento me dispus a refletir sobre a origem mais comum das desordens e cheguei a uma simples conclusão: ela é primordialmente fruto do consumo excessivo de coisas de diversos tipos: roupas, calçados, utensílios de todo tipo, equipamentos eletrônicos, brinquedos etc.

Muitas pessoas dedicam seus momentos de tempo livre para fazer shopping e simplesmente não conseguem dar conta, no dia a dia, de administrar seus acervos de consumo. Então elas contratam profissionais como eu para organizarem seus pertences e abrirem mais espaço em suas casas para terem mais tempo para continuarem a fazer seu shopping em paz.

A minha preocupação no passado era a de estar à disposição desse ciclo de consumo viciado. Deixar a casa da cliente com a cara dos programas de organização que passam em tvs ou na Netflix, era o lema. Eu sequer ponderava se as soluções que eu adotava para os espaços seriam facilitadoras para o trato diário da casa pelas colaboradoras.

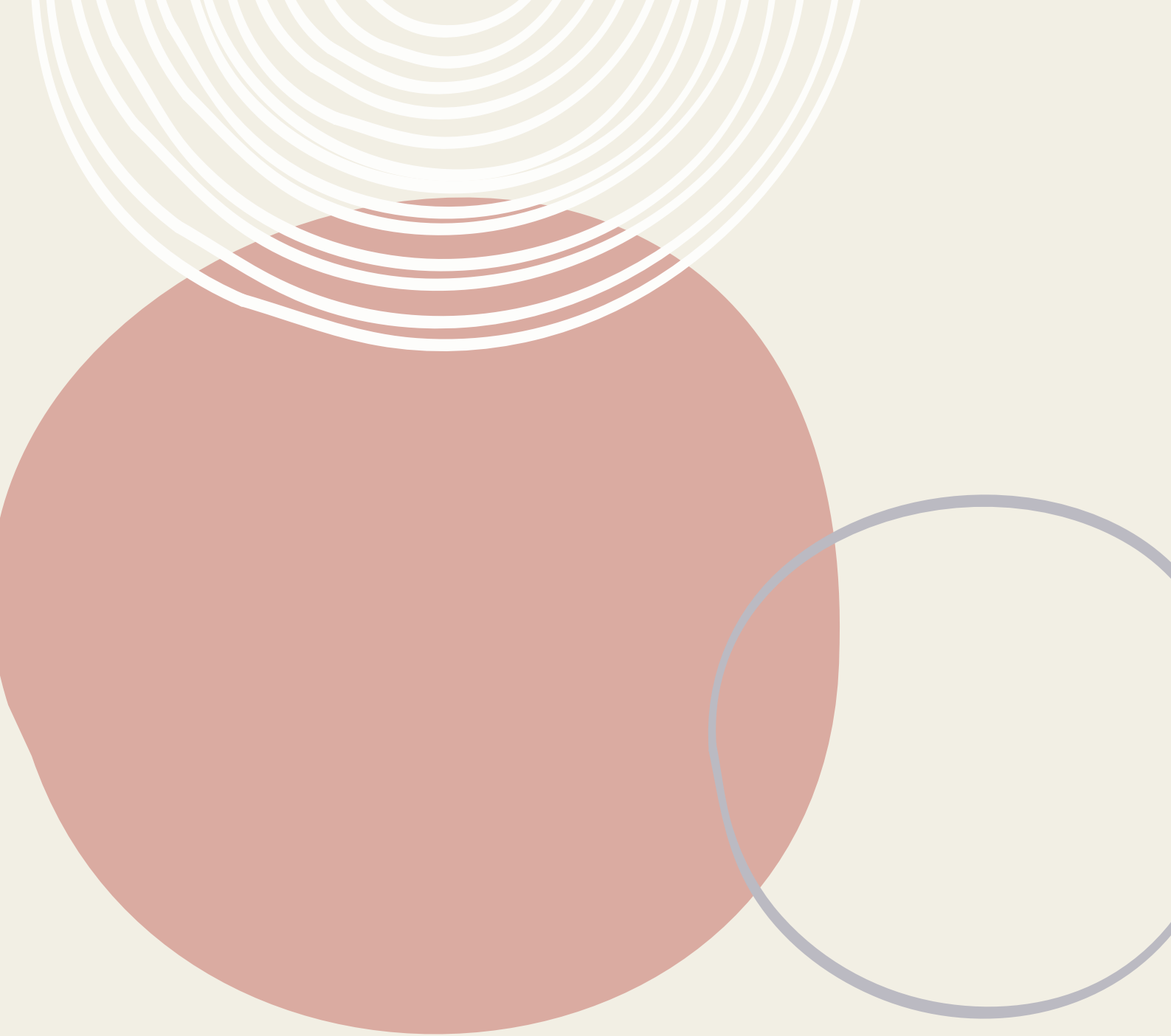
Atualmente, no meu trabalho, tento priorizar o fluxo ao invés de ordens impositivas. Dentro do possível, busco ter um consenso entre os integrantes das casas sobre as melhores soluções a serem adotadas, para que sejam viáveis para todos.

Menos mirabolâncias e mais simplicidade para gerar facilidade na execução de tarefas. A colaboração em lugar da competição e da imposição.

Menos organizadores de origem plásticas e mais criatividade e reaproveitamento nas soluções. É desafiador empreender. É desafiador ser mulher empreendedora. É desafiador ser mulher- empreendedora social – aos quase 50 anos. Os preconceitos existem ainda e eles vêm de homens e muitas vezes, de outras mulheres.

Mas estamos aqui para exercitar um novo olhar sobre o mundo e dar um novo propósito a vida. Bora lá!
Eu sou Alina e assim falei. Hey.





Empreendedorismo social no Brasil: para além do romance

Mariana Mattos

“Queria fazer algo que pudesse causar mudanças na vida das pessoas e organizações e contribuir para transformações sociais”

O mundo do empreendedorismo, muitas vezes, chama e fascina, mas também é frequentemente romantizado. Há uma narrativa que coloca as pessoas de países subdesenvolvidos como donas de seus destinos, prontas para se tornarem empresárias. No entanto, a realidade nem sempre corresponde a essa visão idealizada. Um exemplo disso é o Brasil, onde 82% dos entrevistados pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2022 abriram seus próprios negócios por necessidade, enfrentando a escassez de oportunidades de emprego.

Por que isso é preocupante? Porque essa motivação primordial para iniciar um novo negócio muitas vezes desvia o empreendedorismo de seu potencial de inovação na economia de um país. O foco na sobrevivência prevalece, uma vez que as pessoas precisam atender às suas necessidades básicas e pagar as contas.



Imagem: Arquivo pessoal Mariana Mattos

Como resultado, o espaço para a criatividade e inovação por meio do empreendedorismo não é priorizado ou até mesmo considerado possível. As pessoas agem com insegurança e enfrentam a ausência de garantias trabalhistas.

O empreendedorismo é um tópico que toca profundamente o Instituto Inspiralante e, claro, a mim também. O instituto surgiu como um projeto criativo de empreendedorismo, unindo diversos conhecimentos que na época não eram comuns nem se conectavam facilmente. Mulher aos 29 anos, mãe solo com um filho de 11, decidi empreender sem o apoio de políticas públicas que oferecessem segurança.

Muitas pessoas consideraram isso estranho ou inconsequente. "Você deveria fazer um concurso público", diziam. "Mas Mari, consegui um emprego para você! Será ótimo. Você entra às 8h, mas não tem hora para sair, ganha 3000 reais, está ótimo! Ah, e não há carteira assinada." Naquela época, eu já havia abandonado a busca por empregos formais e seguros. Estava determinada a seguir meu caminho empreendedor.

O empreendedorismo começava a revelar uma nova dimensão, uma mistura de espiritualidade e trabalho.

Já percebeu como, quando algo é desconhecido, as pessoas tendem a rotulá-lo como espiritual, intuitivo ou emocional? No mundo das carreiras, isso pode ser visto como a fusão entre espiritualidade e trabalho.

Se estiver relacionado à maneira como percebemos cenários e pessoas, é intuição. Quando enfrentamos algo desconhecido ou sem nome, é classificado como emocional. No entanto, muitas vezes, é simplesmente um aspecto da complexidade humana que ainda não compreendemos totalmente.

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2022, 67% da população adulta do Brasil, o que equivale a mais de 93 milhões de brasileiros, está envolvida com empreendedorismo.

Acredito que seja um privilégio pensar em gerar transformação social por meio do empreendedorismo. Refiro-me à capacidade de pensar em como fazer a diferença e quais caminhos seguir. Os seres humanos, em sua essência, tendem a cooperar.

Quando há oportunidade de compartilhar conhecimento, geralmente o fazemos e nos sentimos bem.

Então se você é autônoma ou empreendedora saiba que você está contribuindo para o desenvolvimento de novas formas laborais que necessitam de mudanças na sociedade.

Uma mudança entrelaçada à outra. Mesmo que você não tenha como pensar nisso,



Imagem: Arquivo pessoal Mariana Mattos

mesmo que seja por imposição da escassez de postos de trabalho.

Ainda assim essa é, por si só, uma forma de impacto social. Não reflito sobre isso de um lugar romântico. Minha vida não tem esse romantismo, ele só aparece pelos meus três planetas de casa 5 – um super Mercurio-Venus conjunto a Netuno.

Quando comecei minha jornada empreendedora, a principal motivação era encontrar um senso de propósito em meu trabalho diário. Queria fazer algo que pudesse causar mudanças na vida das pessoas e organizações, e, como resultado, contribuir para transformações na sociedade em que vivemos. Era um sonho realizável: gerar mudanças e, ao mesmo tempo, garantir meu sustento.

Cada novo rosto que conheço, cada pessoa que foi tocada pelo Inspiralante seja negativa ou positivamente constrói junto conosco essa transformação social. Porque empreender socialmente é mudar pessoas.



Imagens que valem muito mais do que mil palavras

Ana Catarina Teles

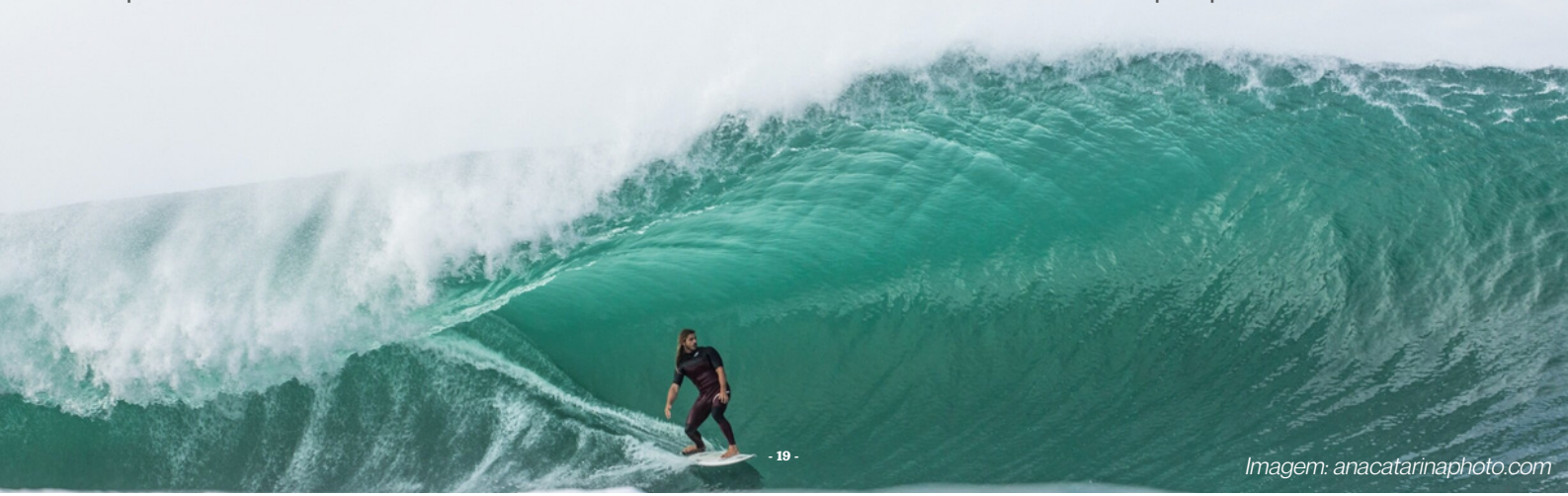
"A fotografia tem um papel importantíssimo quando ela fura as bolhas do Sudeste e nos faz questionar o quanto somos responsáveis por buscar um produto sustentável"

Em dez anos de fotografia, vivo há cinco integralmente dela. Um dos maiores aprendizados que trago comigo em minha jornada fotográfica, é de que forma podemos dar voz a um grupo ou disseminar uma mensagem que aprendemos para quem vê essas imagens. Meu trabalho é preenchido em 80% pelo surf e ainda assim, digo que somos capazes de através do nosso trabalho dar voz a alguém.

Tive esse estalo em 2016, quando fui a primeira vez para o Havaí acompanhar um surfista de dez anos, deficiente físico, que iria participar de um festival de surf adaptado. Chegando na praia de Waikiki, me surpreendi com o tamanho do festival e o tamanho da comunidade de indivíduos com necessidade especial e o quanto eles eram capazes de surfar. Surfar era um sinônimo de liberdade para aquelas pessoas. Para muitas, significava estar no mar sem cadeira de rodas e independentes.

Gravei um curta-metragem, era a primeira vez que eu filmava na vida, mas a minha vontade de levar de volta para o Brasil o que havia experienciado no Havaí e com aquelas pessoas era maior do que minha limitação técnica no assunto.

O nome do curta é Adapt Your Mind e é uma lição de vida para todos. Até cego surfando eu vi, parecia que o improvável e impossível estava acontecendo. Realmente eram superações além do que eu estava acostumada a ver e a me inspirar. Todo ano volto ao Havaí em maio para cobrir esse evento e me considero amiga dessas pessoas. É um prazer reencontrar a todos e sei do carinho que eles têm por mim simplesmente por ter olhado para eles, valorizado, contado por aí o quanto eles inspiram outras pessoas. Além disso, através das imagens possibilitamos que cada atleta consiga patrocinadores e apoio para futuras conquistas. Também acontecem mudanças na qualidade de vida e até mesmo do próprio evento.





Além do surf, através da fotografia, participo desde 2019 de um projeto chamado “Gosto da Amazônia”, que através do Manejo Sustentável do Pirarucu busca aumentar as vendas desse peixe e assim trazer melhora na qualidade de vida das comunidades ribeirinhas e povos indígenas. O pirarucu chegou na iminência da extinção e um coletivo de iniciativas chamado Coletivo Pirarucu, incluindo IBAMA, ICMBio, FUNAI, USAid e o Serviço Florestal Americano, precisou conscientizar as populações de que era necessário um período de cinco anos sem a pesca, para que a espécie pudesse se recompor. Depois disso, foram estipuladas regras para um manejo sustentável, como por exemplo, tamanho mínimo dos peixes, um número meta e limite para cada comunidade, respeitando os ciclos naturais. Obedientes, as populações viram esse número de peixe transbordar pelos rios e através do Gosto da Amazônia, foram convidados chefs renomados de

cozinhas do RJ e SP, num primeiro momento, para conhecerem o produto e as comunidades.

Também era importante conscientizar esse lado da cadeia de que um pirarucu selvagem e de manejo sustentável na hora da compra dos insumos contribuía para o meio ambiente e fairtrade para as comunidades, além de eles entenderem a logística complexa de transporte do peixe.

Vale ressaltar que não há energia elétrica para produção de gelo para conservar o peixe. Resultado: as vendas de pirarucu mais do que dobraram e o projeto é um sucesso. Numa segunda edição, chefs de PE, MG, Brasília, Sul, SP, CE puderam conhecer essa riqueza brasileira que é o pirarucu.

Esse projeto foi replicado para outras cadeias de valor sustentável, como açaí e castanha-do-brasil. Estabelecer boas práticas no manejo desses produtos garantem qualidade e um consumidor fiel ao produto dessas comunidades.



Em ambos os projetos, meu papel é documentar, fotografar e filmar e muito além disso, é aprender com essas comunidades que tem o básico para viver e tanto para nos ensinar. A fotografia tem um papel importantíssimo nesses processos, principalmente quando ela fura as bolhas do Sudeste e nos faz questionar o quanto somos responsáveis por buscar um produto sustentável, de não questionar muitas vezes o valor desses produtos, por não sabermos da logística envolvida. O quanto podemos buscar uma empresa fairtrade e que de fato devolva para as populações locais de forma justa.

Através da fotografia, também pude conhecer as comunidades que manejam algas no Ceará e as vendem para a indústria farmacêutica e estética, sendo 90% exportada para o Japão.

Mulheres em sua maioria que caminham quilômetros pelos arrecifes de Apiques,

onde contam com um tempo curto para catar as algas, já que só o podem fazer na maré baixa.

Essas mulheres se organizaram para criar uma associação, estabeleceram boas práticas na secagem e manejo das algas e assim conseguiram passar o valor da saca de R\$0,10 para R\$8,00, ao longo dos anos.

O fotógrafo é um grande contador de histórias e quando miramos numa história em que a gente acredita, se apegamos e percebe que precisa de mais força e voz para atingir nosso público, o ciclo se fecha. Conscientizar um público, empoderar e valorizar pessoas através das imagens e disseminar uma mensagem são as missões do fotógrafo.

Faço isso com muito amor e sempre que me vejo envolvida numa história dessa, sinto meu coração ser preenchido e meu propósito de vida fazer sentido.



*levita pelo olhar, inteira
desenha gestos coloridos, brincadeira
sorri reflexos de águas transparentes na corredeira
abraça florestas se inspira ar puro profundamente
quando olha beija, quando sonha zela pelas as coisas boas do planeta
o Cosmos agradece dando leveza...*

Marco Lyrio



INSPIRALANTE



Mais conteúdo no site

I N S P I R A L A N T E . O R G

Continue em contato com o Instituto, assinando as newsletters e seguindo as nossas redes sociais.

